

## **Cristiano Burlan**

00:44 - Cristiano em off: Todo dia, inúmeras histórias me atravessam. Na rua, cada voz que ouço me soa como uma possibilidade de um filme. Cada vez que começo um novo documentário, eu acho que eu parto de um desejo de conhecer o outro. Em tornar a câmera uma observadora que está atenta aos movimentos que se lançam diante dela. Em alguma medida, filmar pode ser um ato criminoso. Uma vez que se trata da vida real, o documentário abriga uma zona de perigo, mas há que se refletir que editar é sempre uma manipulação ou recortes de pontos de vistas, é por isso que acredito nos documentaristas que fazem mais perguntas do que respostas. Que convocam o público a uma prática do pensamento, a uma imaginação criadora, capaz de deslocar a todos de seu lugar e tirar esse todos de um certo conforto. Tanto quem assiste, quanto quem realiza. O documentário se escreve em ato, durante a filmagem. No encontro com o outro, no espaço entre a câmera e o corpo, entre o que se vê e o que se esconde.

Cristiano: Eu nasci no Rio Grande Sul, fui morar muito cedo em São Paulo, na periferia, no Capão Redondo. Numa região extremamente violenta, eu me criei lá dos sete aos dezessete. Se matava mais gente lá do que na faixa de Gaza, os números eram impressionantes. Talvez eu tenha me perdido completamente como ser humano ali, porque quando você é muito pobre, você tem uma insegurança, você tem uma raiva de classes, né? E eu tinha essa raiva do mundo, então através da violência, você acaba se expressando ali, é um lugar, né? Se é correto ou não... se é moralmente aceito ou não... mas era a única possibilidade que eu tinha pra me expressar. Até os dezoito anos, eu fui uma pessoa muito violenta... né... quase matei uma pessoa, não porque eu queria matar, porque eu queria que ela não me matasse. Nesse momento, foi uma virada, eu descobri que eu não sou assassino, pelo menos até hoje não sou, amanhã posso virar, né? Mas é... quando você se cria na periferia, a violência... mesmo sendo uma pessoa extremamente, aparentemente sensível, eu tive que me embrutecer e me tornar uma pessoa violenta pra sobreviver dentro dessa, dessa... desse veio aberto que é viver numa periferia como o Capão Redondo e como foi nos anos 90, extremamente violento. É, mas eu sabia que eu não tinha, não tinha... caráter pro crime, ou talento até.

03:11 - Personagens em cena: A quina... então é cena, ele tá com um Ás na mão, eu bati foi de doze, rapaz... Aqui ó... Ah, rapaz... dessa vez tá mais longe, ah rapaz, tava com dez na mão... Tava mesmo mais longe... aqui não, véio.

Cristiano: Na minha casa eu não tinha livro, não tinha... não se escutava música, a única coisa que tinha, que me influenciou muito, principalmente, pelo prazer de ler, era os gibis que minha mãe gostava e deixava no banheiro. Lá por volta dos treze, quatorze anos, eu comecei a fazer teatro, foi meu primeiro contato com esse universo que não era o universo que eu vivia. E... o teatro me tomou de assalto, assim, completamente, eu descobri um novo universo, uma nova possibilidade de vida. É um novo caminho que surge, né? Mas eu sentia um vazio ainda, eu não sei porque faltava alguma coisa. O dia que eu tive a possibilidade de filmar a primeira vez na minha vida, isso... eu senti que ali tinha alguma coisa estranha, né? O cinema surge na minha vida através de cineclubes e é interessante porque no cineclube, você tem a projeção do filme e você tem a reflexão sobre o filme, né? Então, o ato de ver filme, se tornou um ato de refletir, sobre os filmes e, em consequentemente, sobre que... que mundo é esse que eu vivia, né? Que vida é essa que eu levava? Isso acabou expandindo meus horizontes.

O documentário, especificamente, entra na minha vida na primeira edição do "É Tudo Verdade". Em todas as edições do "É Tudo Verdade", eu fui frequentador assíduo, né? Em 2007, eu faço o primeiro filme, que é um média-metragem, que chama "Construção", em homenagem ao meu pai que foi pedreiro, eu também trabalhei em obra. É um filme muito simples, eu fui vaiado no "É Tudo Verdade", lá num berço da cinefilia, que é o Cinesesc. Mas acho que foi o primeiro prazer e tesão que eu tive, mostrando um filme, porque em geral as pessoas não reagem aos meus filmes, né? Eles eram muito frios assim, né? Tecnicamente até tinham uma elaboração ali, mas eu... não tinha vida. E nesse dia, eles vaiaram e eu me senti tão feliz assim, porque houve uma reação ao trabalho, né? Então, pra mim foi o ápice.

05:59 - Cristiano: Eu fiz durante dez anos que ninguém queria ver. Nem as pessoas, nem o público e muito menos, os festivais. Fiz filme pequenos, tava experimentando, é um ofício muito trágico, né? Porque você... um pintor acorda de manhã e vai pintar um quadro, e um cineasta, um realizador faz o que? Quando acorda de manhã? Ele, em geral, luta pela sobrevivência e passa muito tempo da sua vida na burocracia, tentando convencer os outros que ele tem uma boa ideia e que alguém dê dinheiro pra ele fazer aquele filme, né? Então, você chega a ter hiatos de dez anos entre um filme e outro, e aí cada vez que você vai fazer um filme, você precisa reaprender o seu ofício.

É fácil encontrar belo... a beleza no belo, né? Isso é muito óbvio, qualquer pessoa, né?

Mas você chegar num lugar árido e encontrar um certa beleza onde... nessa aridez toda, nessa dureza toda, que ainda sim, há um pouco de poesia e há uma paixão pela vida, uma paixão pelo outro, pelo próximo, né? Depois de tudo isso, desse preço alto que eu pago pra fazer, sobrar um pouco disso, uma certa... pode parecer juvenil ou tolo, mas uma certa esperança, sabe? Me dá motivo pra continuar, entende? Porque nem tudo é tão feio quanto parece, né? E quando você vai pra periferia, não tem só bandido, não tem só tráfico, que não é só na periferia, tem em todo lugar, mas tem gente muito forte, sabe? Lutando pela sobrevivência mesmo.

07:35 - Projecionista: E tá difícil, operador, você arrumar emprego em cinema. Tá muito difícil. Tá muito difícil. Hoje o operador... A Cinemark não pega cara da minha idade, não pega cara com 50 anos pra trabalhar lá de operador, eles pega aqueles cara novo que eles, aqueles rapaz novo pra.. pra ensinar lá... pratica lá e pronto. Rapaz... tem cara que fica meio doente, né? tem cara que fica assim, mesmo, Cara que é meio fraco da cabeça, ele fica. O cara fica sozinho numa cabine, olhando o que? Só... o cara fica assistindo filme, dá sono, aí fica branco na tela, aí pronto, não pode né?

08:12 - Cristiano: Em 2007, eu fiz um documentário chamado "O homem da cabine", sobre projecionistas que é um profissão que tá em extinção. E eu tô numa cabine, filmando um projecionista amigo meu e ele fala uma frase, meio fora de contexto, na hora vem um estalo, nossa isso é frase pro trailer, aí já imaginei ganhando filme com o prêmio, a porra toda. Eu fiz ele repetir 78 vezes a frase. Depois eu assisti isso e aí eu fui entender que tipo de realizador eu tinha me tornado, né? Uma pessoa vaidosa, arrogante, que em nenhum momento, olhava pro outro ali. Isso não foi num dia pro outro, né? Mas foi assustador.

09:27 - Cristiano: Quando você tem vinte e poucos anos e você faz filmes, você tem uma arrogância, uma petulância, você acha que vai conquistar o mundo, que você tá fazendo algo importante, você tá dizendo coisas que as pessoas deveriam ouvir. É típico da idade, né? Mas é isso, eu passei dez anos fazendo filmes que ninguém queria ver. Num dado momento, eu tive a coragem de virar a câmera pra mim, que eu rejeita um pouco, parecia um pouco falocêntrico querer falar de mim, da minha família. Quem não sofreu? Quem não tem dor? Acredito que a dor não se mede, você... nem todas as mortes que eu passei na minha família, podem significar você tropeçar numa pedra ali na rua e essa dor pode te afetar muito mais que toda a minha tragédia. Mas num dado momento, eu tive coragem de ir de encontro a isso. É... e é um pouco assustador, né? Porque é uma

exposição muito grande, né? Mas pra mim o mais importante, não é o prisma pessoal, né? Eu não vou lá falar do assassinato do meu irmão e eu não vou lá só falar do assassinato da minha mãe, mas eu vou lá falar do assassinato de muitos irmãos, né? E de muitas mães que são assassinadas nas periferias das grandes cidades brasileiras.

10:51 - Cristiano em off: Com muita dificuldade, ela balbuciou algumas palavras... que me atormentam até hoje: seu irmão foi assassinado a tiros no Capão Redondo.

Cristiano: Meu irmão foi assassinado em 2001, por uma quadrilha comandada por policiais militares na periferia de São Paulo, no Capão Redondo. Com sete tiros pelas costas. Essa morte me... transformou minha vida assim, completamente. Eu sou um ser humano antes e depois dela. Não sei se pra melhor ou pior, alguma coisa aconteceu de diferente ali que, o homem é um animal muito estranho. Você nasce sabendo que vai morrer e não pensa nisso, mas num dado momento da vida, você tem contato com a morte, né? E talvez seja, pelo menos pra mim, é a dor mais potente que pode atravessar a gente, né? É um contato com o desconhecido, com o imponderável, né? É, quando você nasce nesse lugar de violência e pobreza, isso... te puxa pra dentro, né? Incide... entra dentro de você. Eu, de alguma maneira, eu fugi disso, pra conseguir sobreviver, questão de sobrevivência, mesmo. E de sanidade. Então, eu me afastei, mas eu fui lá até a periferia, visitar meus sobrinhos pra fazer um filme, mas eu não tenho coragem de visitá-los sempre, porque eles me lembram meu irmão, né? Então, eu fui lá, fiz um filme e nunca mais voltei, né? O quão isso é... é correto ou não, né? Eu... talvez isso afete eles muito, né? Eu sei que... eu paguei um preço e eles pagaram um preço também, né?

12:23 - Homem bebendo café: O quê que o... Cristiano tá... aprontando?

Mulher: Documentário, sobre o Rafa.

Homem: Você já tem muita coisa?

Mulher: Já gravou comigo, falta o Ricardo.

Homem: É?

Mulher: Falta só o Ricardo.

Cristiano: Eu só vou colocar a câmera ali.

Homem: Você se importa de conversar comigo?

Homem: Não.

Cristiano: Não, mas você nem precisa olhar pra câmera.

Homem: Eu tenho medo do Cristiano.

Mulher: Só que você fale do Rafael um pouquinho. Lembrar da infância lá em São Paulo. O que ele fazia de certo, de errado, de... de tudo. E lembrar dele aqui em Uber... lembra aquela época que ele teve aqui em 2000?

Homem: Mas ele não tá fazendo esse documentário, não é sobre negócio de droga, não né?

Mulher: hum hum, é tudo.

Homem: É tudo, né?

Mulher: É tudo, mas assim, você não vai falar sobre isso, você vai falar só sobre o que você lembra dele.

Cristiano: Fala o que você quiser. Você já tá dirigindo no meu lugar?

Mulher: Dirigir é isso? Então é fácil.

13:37 - Cristiano: Até hoje ele passa em cineclubes, em universidades pelo país inteiro, quando passa na madrugada, na televisão, as pessoas me escrevem. Muita gente no Brasil, teve contato com alguém que morreu, que foi assassinado, então isso de uma certa maneira, cria um diálogo com as pessoas, né? Dali pra frente as pessoas começaram a olhar meus filmes, né? Tanto pelo bem, quanto pelo mal, mas... abriram-se muitas portas, né? Hoje em dia, eu inscrevo um filme, ele não é selecionado ou não, mas eu consigo colocar em cartaz, vai pra TV. Diferentemente desses dez anos obscuros aí, onde eu fiz uma produção gigantesca, que.. essa produção... não aconteceu, né? É... mas a sensação que eu tive em 2013, esse filme acabou vencendo a competição do "É Tudo Verdade". No próprio discurso, eu disse assim, a sensação entre ser aplaudido e ser vaiado é a mesma, a diferença era um prêmio que, foi se não me engano, de cento e dez mil reais. Que eu acabei utilizando pra fazer mais filmes.

14: 36 - Cristiano em off: Mãe, só consigo pensar que a sua fuga pra um lugar seguro, foi um breve alívio. Seguro uma foto sua, e penso na vida dura que levou. Eu que deveria lhe

proteger, me tornei sua testemunha. Conheço seu assassino e essa consciência me dilacera. É duro perceber que existe só um destino e que não consigo mudar isso.

Cristiano: Sobre o dia que eu decidi realmente a fazer os filmes sobre a trágica história da minha família, foi muito assustador pra mim. Porque eu tava no enterro da minha mãe, no velório dela e eu não chorei e a única coisa que eu queria era filmar ela morta. Isso pra mim, foi apavorante. Foi a primeira grande crise que eu tive, ética e moral sobre fazer filmes. Isso me assombrou muito, eu não filmei. É... mas eu sabia que algo tinha mudado ali, né? Que talvez, é... é a tomada de consciência da finitude das coisas, te dá um choque muito grande. Eu não queria fazer o filme, eu precisava fazer esse filme. E não tem só a ver comigo, porque quando você faz um filme que fala disso, você não tem salvação, entende? Tem um grau de insanidade, de sanidade que a linha acaba sendo muito tênue, né? Então, antigamente, eu fazia filmes em quantidades e eu não pensava muito sobre eles, eles não tinham muita consciência, né? Hoje em dia eu consigo ter uma... uma consciência maior do que são esses filmes. Mas foi nesse momento, quando eu me senti muito mal, mau ser humano, mau artista, mau realizador, mau documentarista, mau de... de pessoa má mesmo, sabe? Eu me senti prostituindo meu ofício, querendo fazer um filme sobre a minha mãe morta. E aí isso, entre em lugar de julgamento, eu fiquei em crise muito grande com isso. Foi essa sensação, como se um abismo se abrisse diante de mim.

16:31: Policial: Polícia militar, boa tarde.

Cristiano: Boa tarde, eu gostaria de fazer uma denúncia.

Policial: Qual a denúncia?

Cristiano: É... meu nome é Cristiano Burlan da Silva, tô aqui em Uberlândia, fazendo um documentário sobre o assassinato da minha mãe, Isabel Burlan da Silva, que foi assassinada em 2011. O namorado dela assassinou ela e ele tá foragido. Hoje, fazendo pesquisa pro meu filme, eu tive informações da... de onde ele se encontra nesse momento.

Policial: Pois é, ele tá nesse local agora?

Cristiano: Nesse local agora que eu vou passar pra você, é um assentamento. Ah?

Policial: Como que é o nome dele?

Cristiano: Então, eu vou te passar. É Jurandir Muniz de Alcântara, ele tem mandado de

busca.

17:09 - Cristiano: Eu li muitos livros sobre luto. Grandes pensadores falam sobre luto, né? E todos falam... Tem uma coisa que é em comum, que é comum entre eles, esses livros, biografias sobre luto e afins. É como o nosso corpo é mais inteligente do que... é como se a sensibilidade fosse uma questão da célula, sabe? Uma inteligência da célula. Isso é... é um pensamento do ator, toda emoção tem bases orgânicas, não passa pelo cérebro, tem uma... um entendimento, uma inteligência na célula mesmo, né? Como se a gente esquecesse as coisas pra poder sobreviver. Porque se não, aquilo te congela completamente, né? Mas, mesmo esses filmes, eles não terapia pra mim, é isso que eu quero te dizer. Porque terapia seria mais barato que fazer filme, né? É... antes de mais nada, são documentários que como documentarista, que me interesse pelas coisas do mundo, em filmar as pessoas e o que tá acontecendo à minha volta, que sente necessidade essa necessidade de dialogar com isso e refletir sobre isso através do audiovisual, tem a ver com cinema, antes de mais nada. Se não, não faria. Juro pra você, não faria.

18:12 - Mulher em off: Até hoje pra mim ela foi a mulher comum... hã, assim, sem recursos mais bonita que eu já vi. E achei que ela continuava tão bonita quanto ela era. Na minha ideia, a beleza dela parece que foi um karma, né? Pra mim, porque eu sempre falei muito “se tem uma pessoa que veio ao mundo pra sofrer, foi ela”. Sofreu muito, do início ao fim, meu Deus, né? Parece que a beleza era uma cruz que ela tinha que carregar, que não trouxe nada de bom pra ela.

18:48 - Cristiano: Morrem doze mulheres por dia no país, né? Sendo, se eu não me engano os números, quatro ou cinco por feminicídio. Claro que esse tema me veio, mas é um feminicídio, é o assassinato de uma mulher, mas é o assassinato da minha mãe... né? Então, tem tudo isso, eu acho que uma coisa não tá acima da outra, ali. No “Elegia”, é o primeiro longa que eu faço com recursos, né? E pela primeira vez eu tive grana e eu falei “pô, eu quero trabalhar com aquele fotógrafo, com o parceiro que já vai fazer ficção comigo, a pessoa de som, o finalizador”, mas duas semanas antes eu chamei esse... o cara do som e o fotógrafo que são meus amigos e falei “olha, eu cometi um equívoco, eu vou desconvidar vocês, espero que vocês não fiquem bravos comigo, a gente vai fazer uma ficção, vai ser porrada daqui a um ano, mas no documentário, acho que eu me equivoquei convidando vocês pra trabalhar”. E eles entenderam, eu não poderia levar uma equipe tão profissional pros lugares que eu fui, entende? Então, de doze pessoas, eu cortei pra quatro.

Eu sempre quis ter aquela sensação de quando você tá filmando, que a câmera... ela... quase desaparece. É como dirigir um carro ou andar de bicicleta, né? E nesse filme da minha mãe, eu acho que eu dei um passo maior.

19:54 - Mulher: Eu sonhei com o que aconteceu com a mãe, três dias antes. E contei pra ela. E ela sonhou também. Ela sonhou com uma pessoa apertando o pescoço dela. Só que ela não viu o rosto. E eu, três dias antes, sonhei também. Com a cena que eu vi, da forma que eu vi e eu fui e contei pra ela, falei “Mãe, eu tive um sonho muito ruim essa noite... é, três dias atrás, eu acordei muito assustada. Ela: “O que que foi?”. Sonhei que eu chegava aqui, eu abria essa porta, que eu vou te mostrar, empurrava ela e voltava pra trás e os vizinhos entravam e saíam, me olhavam, o rosto cheio de lágrimas, mas não me falavam nada.

Cristiano: Engraçado, parece que eu sou duas pessoas, um cabra que faz filme de experimental que ninguém vê, que quando estreia, é um fracasso de público, mas estreia. Um monte de filme preto e branco e um documentarista aparentemente sério que fala sobre questões importantes pra sociedade hoje em dia, que é da periferia. É engraçado, porque é... é grego, né? É completamente grego, é uma tragédia grega a história da minha família. É.. é tão surreal, porque quando eu vou fazer esses filmes, quando eu fiz, parece que não é comigo... né? Talvez seja uma defesa da minha mente e do meu corpo. Pra poder ligar com isso, né? Porque é muito assustador. E aí, eu encerro essa trilogia. A grande pergunta que fica é “O que que eu vou fazer depois disso, né?”. São dúvidas, né? E eu não tenho problemas em ter dúvidas. Eu volto a dizer, quando eu fui fazer filmes com vinte e poucos anos, eu tinha certeza, eu vou até falar um clichê no cinema, mas hoje eu tenho consciência absoluta, é até assustador pra mim, que a dúvida é realmente um instrumento. Mas quando você fala que você não sabe nada sobre aquilo, que a gente vai lá pra fazer porque a gente tem curiosidade sobre o tema também, a gente precisa entender sobre aquilo, né? Que a gente vai lá porque a gente tem curiosidade, quer manipular essa matéria também e que você não tem resposta sobre aquilo, as pessoas se assustam um pouco, porque todo mundo esperar que você dê resposta e certeza sobre as coisas. Mas pra mim... voltando agora a uma coisa mais violenta que me remete à minha adolescência, o cinema é uma grande arma, é um instrumento de precisão. E o documentário principalmente, é uma arma, é um instrumento de precisão pra entender em que mundo a gente vive.



